



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

**A LITERATURA SOBRE NOVAS ABORDAGENS EM SAÚDE
MENTAL: O GRUPO OUVIDORES DE VOZES**

TAYENE RODRIGUES SANTOS

Orientadora: Prof. Dr^a. Maria de Nazareth R. Malcher de O. Silva

Brasília

2019

TAYENE RODRIGUES SANTOS

**A LITERATURA SOBRE NOVAS ABORDAGENS EM SAÚDE
MENTAL: O GRUPO OUVIDORES DE VOZES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Nazareth Rodrigues Malcher de O. Silva

Brasília
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder saúde e força para superar as dificuldades durante minha jornada acadêmica e durante o desenvolvimento deste TCC. Somente Ele sabe o quanto foi difícil para mim.

A minha orientadora Dra Nazareth Malcher, pela orientação, apoio e confiança.
Aos meus pais e a minha irmã pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

A minha cachorra Nala. Sim, a ela, que em muitos momentos difíceis foi quem me fez companhia, que deitou do meu lado enquanto eu estava cansada estudando.

A minha amiga Marina Correa por me ajudar em todos os momentos em que precisei, mesmo ela estando em casa, no trabalho ou na rua, sendo dia, noite ou madrugada, dia de semana ou final de semana, sempre me deu atenção e me ajudou no que precisei para realização deste.

A minha amiga Thayane Batista por se colocar disponível em ajudar no que eu precisasse e por me auxiliar na correção, coesão e coerência deste.

A minha amiga Erika, que teve muita, mas muita paciência para ouvir meus áudios eternos no WhatsApp; por me fazer rir muito, me ajudando a desestressar; e por também me dizer palavras de conforto quando o desânimo batia.

Aos meus amigos da academia, Rodrigo e Beto, por terem me aturado todos os dias falando sobre a produção deste e por me animarem.

Ao meu professor Samuel, por não ter me deixado desistir de cuidar da minha saúde, me incentivando todos os dias a continuar com minhas atividades físicas. Por ter sido um amigo que ouviu meus desabafos, que conheceu o meu lado mais fraco, no meu auge de estresse.

Sou grata a todos meus amigos e de forma alguma menos importantes por eu não tê-los citados nominalmente. Sei que me distanciei de alguns nesse tempo e agradeço por compreenderem essa fase da minha vida e continuarem me amando mesmo assim.

A LITERATURA SOBRE NOVAS ABORDAGENS EM SAÚDE MENTAL: O GRUPO
OUVIDORES DE VOZES

TAYENE RODRIGUES SANTOS

BANCA EXAMINADORA

Nome da Orientadora: Maria de Nazareth Rodrigues Malcher de O. Silva
(Presidente da Banca)

Nome do Membro da Banca 1: Henrique Campagnollo Dávila Fernandes

**Brasília
2019**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
MÉTODO.....	13
RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22

INSTRUÇÕES AOS AUTORES - REVISTA MENTAL

Apresentação: a revista Mental recebe textos encomendados ou remetidos espontaneamente por estudiosos e pesquisadores do campo da saúde mental.

A Revista Saúde Mental e Subjetividade é uma revista acadêmica destinada à difusão de conhecimentos no campo da Saúde Mental e de investigação em Psicologia e Processos de Subjetivação que avaliam e discutem a pertinência ética relativa a esse campo interdisciplinar. Constitui-se em um espaço especialmente voltado para acolher estudos de interface a temas de saúde mental, sob a forma de artigos, conferências, resenhas, ensaios, entrevistas e debates. Com vistas a criar um espaço de interlocução dos materiais e reflexões produzidos por esses campos, está aceitando publicações. Atualmente, a revista possui 19 volumes editados. Foi avaliada pela CAPES, na área de Saúde Mental no ano base 2012, com Qualis B2. A Revista dispõe de Conselho Editorial coeso com a área de escopo e de renomados pesquisadores como Pareceristas Externos.

Maiores informações

e-mail: mentalpsicologia@unipac.br

Crítérios para a avaliação dos trabalhos recebidos para publicação: Para serem submetidos à apreciação do Conselho Editorial da Revista Saúde Mental e Subjetividade, os trabalhos não poderão ter sido publicados anteriormente e não poderão ser simultaneamente submetidos ou publicados em outro meio de divulgação científica ou de pesquisa. É imprescindível demonstrarem consistência teórica, coerência quanto às fundamentações nas quais se norteiam, e apresentarem originalidade. Salientamos que os trabalhos devem contribuir para o estudo e a práxis dos profissionais que atuam no campo da saúde mental. Em se tratando de trabalhos científicos (artigos, ensaios, conferências e debates) é necessário estar explícita a visão do autor pertinente à sua formação profissional. Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores e não haverá alteração em seu conteúdo, sem prévia autorização. **A apresentação bibliográfica exigida segue as orientações estabelecidas pela norma da ABNT.**

Categoria do manuscrito:

- 1. Estudo teórico** - discussão de temas e problemas fundamentados teoricamente, envolvendo reflexão crítica e indicação de avanços científicos no estado da arte a ele associado. É necessário conter: resumo, introdução, método, resultados, discussão e conclusão ou considerações finais e referências. Deve conter cerca de 20 laudas.
- 2. Relato de pesquisa** - investigação original, de relevância científica, baseada em estado da arte e dados empíricos, lastreada em metodologia específica e discussão. É importante que seja explicitada a contribuição da pesquisa para a produção do conhecimento em Psicologia. É necessário conter: introdução, método, resultados, discussão e conclusão ou considerações finais. **Deve conter cerca de 20 laudas, não considerando resumos e referências.**
- 3. Relato de experiência** - relatos de experiência relacionados à intervenção profissional, de interesse e relevância científica e social para as diferentes áreas do conhecimento psicológico, e que demonstrem contribuições para a melhoria de práticas profissionais em Psicologia. É necessário conter: resumo, introdução, método, resultados, discussão e conclusão ou considerações finais e referências. Deve ter entre 15 e 20 laudas, não considerando resumos e referências.
- 4. Resenhas** - A resenha deverá conter no máximo 10.000 caracteres com espaços (cerca de 5 laudas). É necessário conter: Título da resenha, nome do resenhador, nome do autor do livro/texto resenhado.

Em todas as modalidades deverão conter a identificação dos autores e coautores, instituição, titulação e endereço completo (incluindo CEP, telefone e endereço eletrônico).

Critérios gerais para avaliação dos manuscritos

- 1- Os trabalhos enviados devem ser redigidos em português e, obrigatoriamente com resumo (português), resumen (espanhol) e abstract (inglês);
- 2- O resumo deve conter o contexto teórico do estudo, objetivo, método, resultados, discussão e conclusão. De 150 a 250 palavras, e de 3 a 5 palavras-chave em cada um dos resumos;
- 3- Espaço 1,5, fonte Times New Roman, tamanho 12, margens 2,5, justificado.
- 4- Formato de extensão word doc ou docx;
- 5- Imagens e tabelas no corpo do texto e em formato editável (word, Tiff ou JPEG). Serão aceitos o máximo de 5 imagens/tabelas por manuscrito;
- 6- Páginas numeradas (superior-direita);
- 7- O método deve salientar o delineamento e os procedimentos de pesquisa: participantes, variáveis ou categorias estudadas, instrumentos de coleta de dados e análise dos dados sistematizados;
- 8- Normas ABNT.

O trabalho pode ser enviado para o e-mail mentalpsicologia@unipac.br

O nome do autor e quaisquer outros dados de identificação da autoria só devem constar na página de rosto, devendo o título ser repetidos isoladamente na página inicial, começando o texto. O autor deve anexar e informar os seus créditos acadêmicos e profissionais (em três linhas no máximo), além do endereço completo (CEP, bairro, cidade, UF), telefone e e-mail.

Descrição dos procedimentos de tramitação

Ao serem recebidos, os trabalhos passam por uma conferência preliminar relativa aos dados exigidos (o não cumprimento das orientações implicará na interrupção desse processo). A seguir, são remetidos aos conselheiros para emissão de parecer, preservada a identidade do autor. Os artigos aprovados são encaminhados à editora e todos os autores são notificados sobre a aprovação, reprovação ou necessidade de reformulação de seu trabalho. Nesse caso, fica a critério do autor acatar ou rejeitar a orientação.

Direitos autorais

Sendo o artigo aprovado para publicação, os autores deverão assinar termo de cedência dos direitos autorais do manuscrito à Revista Saúde Mental e Subjetividade. Neste termo deve constar que o autor transfere todos os direitos autorais do artigo para a Revista, sendo vedada qualquer reprodução, total ou parcial, em qualquer meio de divulgação, impresso ou eletrônico, sem a prévia e necessária autorização seja solicitada.

Declaração de Direito Autoral

Artigos e Capítulos de livro

Colocar a referência bibliográfica nesta ordem: autor, título do artigo / capítulo, nome do autor do livro, título do livro (*em itálico*), subtítulo (sem itálico), edição (somente após a 2ª), local de publicação (cidade), editora, data de publicação, volume, capítulo, páginas (inicial e final), série ou coleção.

Exemplos

- Autor de capítulo e do livro

RESUMO

O fenômeno de ouvir vozes pode parecer algo distante da realidade das pessoas, mas na verdade é uma experiência vivenciada por muitos, independentemente dos diagnósticos de sofrimento psíquico. O objetivo deste estudo é conhecer a literatura sobre as novas abordagens para caracterizar o grupo de ouvidores de vozes com relação ao perfil bibliográfico e de conteúdo. Para isso utilizou-se um estudo do tipo misto, com estratégia de estudo de literatura integrativa. Os dados foram organizados em duas planilhas, uma com o perfil de literatura e outra com os conteúdos da temática, sendo realizada análise quantitativa da frequência e qualitativa do conteúdo. Os resultados mostram que o perfil de literatura com maior recorrência são os artigos da *Medline*, publicados entre 2013 e 2018. Com relação aos conteúdos, o grupo de ouvidores de vozes mostrou-se tema central nos artigos, com uma abordagem benéfica, defendida por diversos autores como estratégia terapêutica na experiência de ouvir vozes, em virtude da troca de experiências entre os participantes do grupo. Conclui-se, portanto, que a literatura se mostrou diversificada quanto ao perfil e à caracterização das novas abordagens, trazendo a necessidade de estudos que fortaleçam esta abordagem, principalmente no Brasil.

Palavras-chave: Saúde Mental; Esquizofrenia; Ouvidores de Vozes.

ABSTRACT

THE LITERATURE ON NEW APPROACHES IN MENTAL HEALTH: THE GROUP OF VOICES LISTENERS

The phenomenon of hearing voices may seem far from the reality of people, but it is actually experienced by many, regardless of the diagnoses of psychic suffering. The objective of this study is to know the literature about the new approaches to characterize the group of voice listeners regarding the bibliographic and content profile. For this purpose, a mixed-type study was used, with an integrative literature strategy. The data are organized in two spreadsheets, one with the profile of literature and another one with the contents of the subject, being carried out quantitative analysis of the frequency and qualitative of the content. The results show that the literature profile with the greatest recurrence are *Medline* articles, published between 2013 and 2018. The group of voice listeners is presented as a beneficial approach with regard to content, which is defended by several authors as strategic in dealing with the experience of listening to voices and exchange of experiences among group participants. It is concluded, therefore, that the literature has shown diversification about the profile and characterization of the new approaches, bringing the need for studies to strengthen this approach, especially in Brazil.

Keywords: Mental Health; Schizophrenia; Voice Listeners.

RESUMEN

LA LITERATURA SOBRE NUEVOS ENFOQUES EN SALUD MENTAL: EL GRUPO DE VOCES

El fenómeno de oír voces puede parecer algo distante de la realidad de las personas, pero en realidad es una experiencia vivida por muchos, independientemente de los diagnósticos de sufrimiento psíquico. El objetivo de este estudio es conocer la literatura sobre los nuevos enfoques para caracterizar el grupo de oyentes de voces, con relación al perfil bibliográfico y de contenido. Para eso se utilizó un estudio de tipo mixto, con estrategia de estudio de literatura integrativa. Los datos están organizados en dos hojas de cálculo, una con el perfil de literatura y otra con los contenidos de la temática, siendo realizado análisis cuantitativo de la frecuencia y cualitativo del contenido. Los resultados muestran que el perfil de literatura con mayor recurrencia son artículos de *Medline*, publicados entre 2013 a 2018. Con relación a los contenidos, el grupo de oyentes de voces es presentado como un enfoque benéfico, defendido por diversos autores como estratégico en el trabajo con la experiencia de oír voces por el intercambio de experiencias entre los participantes del grupo. Se concluye, por lo tanto, que la literatura se mostró diversificada en cuanto al perfil y caracterización de los nuevos enfoques, trayendo la necesidad de estudios que fortalezcan este enfoque, principalmente en Brasil.

Palabras clave: Salud Mental; Esquizofrenia; Oyentes de Voces.

INTRODUÇÃO

Desde o século XIX e meados do XX alguns psiquiatras observam e estudam o fenômeno de ouvir vozes, que costuma ser perturbador para os indivíduos que a vivenciam, levando-os a necessidade de compreensão e suspensão deste sintoma (BARROS et al, 2017).

O fenômeno de ouvir vozes possui diversas explicações, dependendo das abordagens. Schneider (1976) considera como um diagnóstico de esquizofrenia, enquanto que em algumas religiões, como o espiritismo, a umbanda, o candomblé e as pentecostais, entendem como episódios espirituais (ALMINHANA & MENEZES, 2016), e para além do contexto religioso, são considerados sinais de delírios, caracterizando uma loucura ou um adoecimento mental (FERNANDES, 2017).

Entretanto, novas abordagens sobre a interpretação do fenômeno de ouvir vozes surgem como uma alucinação auditiva relacionada ao controle das próprias ações e não à sensopercepção, independentemente das interpretações (SERPA, 2013).

Infelizmente a intervenção em saúde para lidar com este fenômeno é de um tratamento tradicional, que se baseia na introdução de medicamentos psicotrópicos, com o intuito de cessar as vozes (ANDRADE, 2004). Contrariando este procedimento, Romme e Escher (1997) consideram que o uso de medicamentos produz cronicidade, pois o foco está na remissão do sintoma, uma forma de torná-las “menos doente” e introduz nos anos 1980 uma nova abordagem e estratégia para o fenômeno de ouvir vozes.

Para Valente e Baker (2018), o desenvolvimento de estudos sobre estas novas abordagens em saúde mental são importantes para promover trocas de experiências entre pacientes, profissionais e trabalhadores da saúde, a fim de provocar e despertar descobertas de novas estratégias no cuidado da saúde mental.

Foram surgindo novas descobertas, e uma delas foi a abordagem do grupo ouvintes de vozes que teve início na Holanda, em 1987, com o objetivo de compreender o fenômeno de ouvir vozes, quando Patsy Hage, uma mulher diagnosticada com psicose esquizofrênica e que estava tendo alucinações auditivas, questionou ao seu psiquiatra, Marius Romme, como ele acreditava em um Deus sem nunca o ter visto ou ouvido, mas não acreditava nas vozes que ela realmente ouvia (KANTORSKI, 2017).

A indagação de Patsy fez com que Romme reconsiderasse sua construção de conhecimento, que entendia o fenômeno alucinatório apenas como parte do desenvolvimento da doença. Alguns anos depois, Romme, juntamente com a jornalista Sandra Escher, criaram

The International Network for Training, Education and Research into Hearing Voices (Intervoice), com o objetivo tanto de dar apoio administrativo e coordenativo como de desenvolver variedades de iniciativas em diferentes países de novas abordagens de cuidado as pessoas que apresentam o fenômeno de ouvirem vozes (INTEVOICE BRASIL, 2017).

A Intervoice, portanto foi criada para encontrar uma forma agradável das pessoas se relacionarem e conviverem com essas vozes, e assim qualificarem seu cotidiano. Esses grupos se desenvolveram ao longo dos anos por pessoas ouvintes de vozes, familiares e profissionais de saúde em diversos países para um suporte mútuo a essas pessoas. (KANTORSKI et al, 2017).

Segundo Baker (2015), atualmente há grupos em 30 países que reúnem ouvintes de vozes, enfermeiros, psicólogos, terapeutas ocupacionais, psiquiatras e outros profissionais desenvolvendo estratégias que auxiliem as pessoas que ouvem vozes a se concentrarem em suas experiências, podendo conhecer melhor sua voz e aprender a compreender o que elas significam para um cotidiano de qualidade, e assim o grupo de ouvintes passou a ser considerado como nova abordagem de grande valia.

O grupo de ouvintes de vozes se desenvolveu em várias partes do mundo, como Estados Unidos, Grécia, Japão, Dinamarca, Palestina, Austrália. No Reino Unido são mais de 180 grupos. Na Itália, em 2011, com a formação da associação *Noi e Le Voci*, esse movimento acabou ganhando mais projeção (KANTORSKI et al, 2017).

Apesar da existência no Brasil do movimento independente da Intervoice apoiando os ouvintes de vozes, em 2015, por meio do Centro Educacional Novas Abordagens Terapêuticas (Cenat), houve em Campinas uma oficina sobre o grupo ouvintes de vozes ministrada por Paul Baker e Marius Romme, após o curso, juntamente com o fundador do Intervoice, foi criado o primeiro grupo ouvintes de vozes. Em 2017, na cidade do Rio de Janeiro, ocorreu o I Congresso Nacional Ouvintes de Vozes, trazendo mais conhecimento e força ao grupo.

O grupo ouvintes de vozes, trazido como inovador em novas abordagens, apresenta o entendimento de que o fenômeno de ouvir vozes não é sinônimo de ter uma doença, assim como a esquizofrenia. No entanto, este fenômeno pode ser visto como uma vivência real, podendo partir de qualquer ser humano, sendo muitas vezes experiências angustiantes, pois as vozes se comunicam com as pessoas de uma maneira metafórica em relação a fatos ocorridos em sua vida e suas emoções, muitos delas não entendem a mensagem que elas quer passar e não sabem lidar com elas. O presente estudo se justifica

nesse cenário de avanços, na descrição de uma nova abordagem em saúde mental, como a literatura do grupo de ouvidores de vozes. Neste sentido, o objetivo deste estudo é o de conhecer e caracterizar a literatura sobre Grupo Ouvidores de Vozes como uma das novas abordagens em saúde mental.

MÉTODO

Este estudo é teórico, de abordagem mista, utilizando como estratégia de pesquisa a revisão sistemática integrativa da literatura, que busca a compreensão de uma temática de estudo na literatura e assim contribui com o processo de decisões na Ciência da Saúde (GALVÃO, SAWADA E TREVISAN, 2004).

Para isso, foram seguidas seis etapas recomendadas para a elaboração de uma revisão integrativa de qualidade: 1) identificação do tema e seleção da questão de pesquisa para a elaboração da revisão integrativa; 2) estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/amostragem ou busca na literatura; 3) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/categorização dos estudos; 4) avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; 5) interpretação dos resultados; 6) apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

Como critérios de inclusão foram aceitos os artigos no idioma português e inglês, publicados nos últimos dez anos, com um dos descritores no título e com a temática presente no resumo. O critério de exclusão foi artigos fora do período, incompletos ou duplicados, e que no resumo tratem de outra abordagem em saúde mental.

Foi realizado um estudo de descritores na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) no qual foram selecionados os descritores “esquizofrenia”, “transtorno mental”, “confusão mental”, “autoajuda”, “saúde mental”, “alucinações”, “voz”, “psicose”, que foram utilizados na pesquisa em conjunto com os indicadores booleanos “or”, “and”. A pesquisa da literatura ocorreu nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e na plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Em uma primeira busca foram levantados 122 artigos, que, com a aplicação dos critérios de inclusão, foram reduzidos para 20 a serem utilizados neste estudo.

Foram realizados estudos nos artigos selecionados e os dados foram organizados em duas planilhas, uma sobre o perfil da literatura com dados como

referência autor, base de dados, ano, tipo de estudo, cenários/sujeitos, local do estudo, estratégia de pesquisa, tipo de análise dos dados, entre outros; e outra de conteúdo com informações sobre o conteúdo do artigo, os conceitos apresentados, a caracterização sobre o grupo de ouvidores de vozes, os resultados apresentados, as conclusões, entre outros.

Os dados organizados nas planilhas foram analisados quanto à frequência numérica e dos conteúdos das variáveis. Os resultados foram apresentados descritivamente, possibilitando refletir sobre os aspectos que circundam as novas abordagens em saúde mental, como o trabalho do grupo de ouvidores de vozes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do estudo de literatura serão apresentados descritivamente no perfil da literatura encontrada e nos conteúdos, bem como na revisão/síntese do conhecimento, como se sugere para a pesquisa de literatura sistemática integrativa.

Em relação ao perfil da literatura estudada sobre a abordagem em saúde mental do grupo de ouvidores de vozes, observa-se uma diversidade de aspectos, como o apresentado na tabela 1.

Tabela 1 – Perfil da literatura estudada.

Variáveis	Características	N:20 (100%)
Base de dados	Encontrado em apenas uma base específica	17 (85%)
	Encontrado em mais de uma base	03 (15%)
Tipo de estudo	Empírico	14 (70%)
	Teórico	06 (30%)
Abordagem do estudo	Qualitativo	17 (85%)
	Misto	03 (15%)
Ano	2017 – 2019	09 (45%)
	2014 – 2016	07 (35%)
	2008 – 2010	02 (10%)
	2011 – 2013	02 (10%)
Estratégia de pesquisa	Análise narrativa	15 (75%)
	Etnográfico	04 (20%)
	Fenomenológico	01 (05%)
Cenário	Não refere	10 (50%)
	Ambiente virtual	05 (25%)
	Presencialmente	05 (25%)
Instrumentos	Questionário	08 (40%)
	Análise documental	08 (40%)
	Observação e diário de campo	04 (20%)

Com relação ao perfil de literatura, os dados mostraram-se diversificados, com predomínio de estudos encontrados em apenas uma base de dados (85%), nos anos de 2017 a 2019 (45%), com prevalência em estudos empíricos (70%), de abordagem quantitativa (85%).

Como instrumentos de pesquisa foram utilizados, na maioria dos estudos, questionários semiestruturados e estruturados, aplicação de testes (40%) e análise documental, incluindo a revisão literária (40%). Todos os estudos estavam focados nos ouvidores de vozes, porém 50% não apresentaram um cenário específico. Entretanto, 25% foram embasados em grupos ouvidores de vozes e 25% voltaram-se ao ambiente virtual. Os artigos levantados deste estudo não apresentaram diferenciação no percentual de artigos publicados no idioma português (50%) e os de idioma inglês (50%).

Foi utilizada em três artigos (15%) a abordagem etnográfica, em estudo entre culturas e o comportamento dos ouvidores de vozes, concluindo que a cultura local pode influenciar o tipo de vivência de cada ouvidor, pois, em algumas culturas, o fenômeno de ouvir vozes é altamente valorizado, em outras é algo passageiro, no entanto existem as que consideram essas pessoas doentes e perigosas. Mas como as experiências de cada indivíduo são únicas, não é possível afirmar que essas diferenças são devidas a cada cultura, deixando uma necessidade por mais estudos que envolvam povos e raças diferentes.

O uso da narrativa feita pelo ouvidor proporciona uma melhor compreensão das características fenomenológicas das alucinações auditivas. Foram concluídas duas ações que contribuem para a utilização de uma nova abordagem para ajudar os ouvidores de vozes, a importância da narrativa estando em primeira pessoa e a análise linguística desta.

A partir da análise do perfil da literatura percebe-se que os artigos que fazem referências sobre as novas abordagens na saúde mental aos ouvidores de vozes são em maior parte recentes, apesar da necessidade em realizar mais pesquisas e estudos em relação a este grupo de pacientes, evidencia-se, assim, que a temática tem sido mais explorada com o passar dos anos.

Na variável descrição e caracterização dos ouvidores de vozes, observou-se que os artigos representavam a pessoa ouvidora de vozes e os grupos. Com relação às pessoas, dos 19 artigos encontrados, três relacionam a origem das vozes ao resultado de algum trauma psicológico ou físico vivido. Contudo, um defende as vozes como sendo da própria subjetividade de cada ouvidor, e não de uma causa externa; outros quatro, no entanto, apontam que as pessoas buscam entender suas emoções e aprender estratégias que as ajudem

a superar as vozes; já para outros dois, as pessoas buscam ser entendidas e aceitas pela sociedade.

Os outros estudos não apresentaram informações em comum sobre pessoas. Nesta mesma variável, em relação aos grupos ouvintes de vozes, dos 20 artigos, três acreditam que o acesso e a participação em grupo de ouvintes de vozes trazem melhorias aos ouvintes após começarem a trabalhar suas emoções. Em um deles é relatado que as vozes são de pessoas conhecidas, parentes ou amigos, porém em outro, as vozes são de bons espíritos, anjos e deuses. Os não citados não apresentaram caracterização comum em relação ao grupo.

Na variável abordagem na saúde mental, dois consideram o olhar da psiquiatria tradicional, o uso de psicóticos para eliminar as vozes. Outros dois defendem em comum a troca de experiências como estratégia para aprender a compreender e a lidar com as vozes. E mais dois consideram o significado da voz como metafórico aos problemas da vida do ouvinte. Por fim, apenas um defende abordagem do grupo de ouvintes de vozes como estratégia capaz de silenciar a voz; apenas um aponta que vários indivíduos escutam vozes, entretanto não fazem tratamento psiquiátrico; outro aponta as vozes como resultantes da esquizofrenia; e um defende outras formas de tratamento além do medicamentoso. O restante não apresentou abordagens paralelas.

Foi visto que na variável da abordagem do grupo ouvintes de vozes, quatro dos 20 artigos estudados consideram que frequentar um grupo de ouvintes melhora o convívio com as vozes; já outros três que é comum a busca dos ouvintes de vozes em aprender a lidar com elas, porém, não necessariamente participando de grupos de ouvintes. Em mais outros dois, o ponto em comum é que foi analisado e concluído que há mais ansiedade, estresse e depressão naqueles que escutam vozes e não são diagnosticados com alguma psicose do que aqueles que recebem atendimento psiquiátrico.

Em relação a todas essas abordagens em comuns, como descrição geral dos conteúdos da literatura estudada, na tabela 2 os estudos foram separados a partir de ideias semelhantes entre os autores.

Tabela 2 – Descrição geral dos conteúdos da literatura estudada.

Autores	Pontos relevantes apresentados na Literatura
Corstens, Longden, McCarthy-Jones, Waddingham , Thomas (2014)	Afirmam que a voz não deve ser vista como indicativo de um problema psiquiátrico.
Romme e Escher (1997, 2000) Mead (2000) Ruddle, Mason, Wykes (2011) Woods (2013) Vasconcelos (2013) Zanni (2017)	Caracterizam os grupos ouvidores de vozes e seus benefícios aos ouvidores.
Muñoz et al. (2011) Serpa Júnior (2011) Contini (2013A, 2013B) Pinto e Naves (2014) Charon et al. (2017)	Defendem a escrita em diário como estratégia eficaz aos ouvidores de vozes.
Birchwood et al. (2004) Vilhauer (2015) Garety, Bebbington, Fowler, Freeman, Kuipers (2001, 2007)	Afirmam que o fenômeno em ouvir vozes é de cunho patológico, sendo um sintoma de doença mental.
Johns, Nazroo, Bebbington, Kuipers (2002) Lawrence, Jones, Cooper (2010) Linden et al. (2011)	Defendem que a maior parte da população que experimenta alucinações auditivas verbais, não possui transtorno mental diagnosticado.
Close, Garety (1998) Chin et al. (2009) Hayward, Berry, Ashton (2011)	Aponta que estigmas sociais afetam negativamente as respostas à audição de voz.
Honig et al. (1998) Daalman et al. (2011) Heriot-Maitland, Knight, Peters (2012) Johns et al. (2014)	Afirmam que as vozes são mais controláveis em ouvidores de vozes sem diagnóstico.
Watkins (2008) Cottam (2018) Andrew, Gray, Snowden, Lieverse, Lataster, Viechtbauer (2018)	Consideram a origem das vozes advindas de algum trauma vivido.
Escher, Romme, Buiks (1998) Romme, Escher, Dillon, Corstens, Morris (2009)	Afirmam que, na medida em que os ouvidores forem tratando seus sentimentos e emoções, as vozes começam a cessar.
McCarthy-Jones, Waegeli, Watkins (2013)	Afirmam que a cultura local pode influenciar os ouvidores de vozes.
Romme, Escher (1993) Johnstone (2011) Longden, Madill, Waterman (2012) Corstens, Longden (2013) Romme, Morris (2013) Woods (2013)	Consideram que a voz é advinda do contexto vivido pelo indivíduo no momento.

Romme, por exemplo, participou de cinco artigos em anos distintos, defendendo suas idéias. Nos anos de 1997 e 2000 caracterizou e trouxe benefícios aos ouvidores que participam dos grupos ouvidores de vozes. No ano de 1998, ele afirma que, na medida em que os ouvidores forem tratando seus sentimentos e emoções, as vozes começam a ficar cada vez mais escassas e podem chegar a desaparecer. Em 1993, Romme considerava que a voz era advinda do momento vivido pelo indivíduo.

Garety, Bebbington, Fowler, Freeman, Kuipers (2001, 2007) afirmam que alucinações verbais auditivas eram vistas como um sintoma da esquizofrenia desde que ela entrou nos estudos e nos livros psiquiátricos, eram consideradas como uma marca da loucura. Ouvir a voz de ancestrais, espíritos e deuses também era considerado motivos para existência dessas vozes.

Porém, em 1987, houve uma virada nesse tipo de visão em relação a essas alucinações, pois Romme aceitou a ideia de que poderia ser necessário ao paciente ouvitor compreender suas vozes (Romme e Escher, 2011). Vários autores, como McCarthy-Jones, Longden (2013); Romme, Escher (1993, 2009); Dillon, Corstens, Morris (2009); Corstens (2013); Johnstone (2011); Romme e Morris (2013); Longden, Madill, Waterman (2012); Woods (2013); relatam que as vozes se manifestam de forma metafórica ao que está acontecendo na vida do ouvitor, devido a algum tipo de problema, familiar, estresse, luto, fatores emocionais. E, na medida em que os ouvidores forem tratando seus sentimentos e emoções, Romme e Escher (1998, 2009) afirmam que as vozes começam a cessar. De acordo com Cristina Contini (2013A, 2013B), se existe algum problema e que seja de qualquer natureza é preciso intervir para saber qual a origem desse problema, para entender a mensagem que a voz quer passar. Assim, existe a necessidade dos médicos e psiquiatras em aceitarem outras formas de tratamentos e não apenas o medicamentoso.

Chin et al. (2009), Close e Garety (1998) e Hayward, Berry, Ashton (2011) relatam que o contexto social afeta negativamente o emocional dos ouvidores de vozes, pois, na maioria das vezes, existe um preconceito e a ausência no entendimento a esses indivíduos, tornando a criação de vínculo mais difícil dentro da sociedade e, por isso, poucos deles vivenciam melhoras com o uso de medicação. Devido a essa dificuldade, uma das abordagens utilizadas pelos ouvidores é a troca de mensagens no ambiente virtual, uma estratégia que passou a ser uma importante ponte para a criação de relações/vínculos entre os ouvidores de vozes e o mundo.

O fato de a percepção pública ter uma visão do fenômeno de ouvir vozes como uma patologia pode levar os ouvidores a crer ou temer que realmente sejam doentes mentais e, mesmo com a ausência de um diagnóstico clínico, essas pessoas, ao acreditarem nesse estigma, podem antecipar e levar a consequências e sintomas negativos como se realmente possuíssem aquela doença, que particularmente é interligada à esquizofrenia.

Por causa desse estigma, os ouvidores e seus familiares cada vez mais buscam por informações e por ajuda no ambiente virtual, pois ali não serão julgados e terão respostas quase que imediatas em momentos de crise. Dessa forma, os ouvidores podem contar com a ajuda de outros ouvidores a qualquer momento, sem precisar de um grupo com hora e dia marcados.

Outra abordagem descrita por Mead (2000), Vasconcelos (2013), Zanni (2017), Ruddle, Mason, Wykes (2011), Romme e Escher (1997; 2000), Woods (2013) é o grupo de ouvidores de vozes, que proporciona troca de afeto, compaixão e humanidade a estas pessoas, buscando a autonomia de cada indivíduo e criando estratégias para lidar com elas.

Essa abordagem tem sido a estratégia mais benéfica defendida pelos autores Contini (2013A, 2013B), Pinto e Naves (2014), Muñoz et al. (2011), Serpa Júnior (2011), Charon et al. (2017) para que os ouvidores aprendam a lidar com suas vozes é o uso da narrativa e a troca de experiências entre indivíduos participantes do grupo, pois, a partir da interação social e da troca de experiências, cada indivíduo ouvidor de vozes favorece uma nova forma de compreender o fenômeno, criando oportunidades de aumentar sua autoconfiança. E além da troca de vivências em grupos, Cristina Contini (2013A, 2013B) afirma que a escrita em diário como estratégia é eficaz aos ouvidores de vozes. É importante escrever todos os dias o que a voz está dizendo, para que haja uma reflexão do que ocorre em seu íntimo, determinando o fator comum, e assim começar a entender e a buscar o equilíbrio.

Com relação à caracterização e as conclusões dos artigos, observou-se que eles estavam voltados para as pessoas e para os grupos. Quanto às pessoas, todos os estudos consideram o fenômeno de ouvir vozes uma vivência que traz aflição aos que escutam essas vozes, porém, dez deles defendem que, ao trocar experiências e compartilhar narrativas, os ouvidores de vozes aprendem a entender melhor o significado das vozes e acabam adquirindo um autoconhecimento, aumentando assim sua autonomia e empoderamento. O restante não apresentou conclusões em comum voltadas às pessoas. Já em relação aos grupos, três apontam

o uso da internet como facilitador para criação de vínculos entre os ouvidores de vozes. Dois abordam o grupo como alternativa de tratamento e outros dois afirmam a importância da ajuda mútua para a criação de vínculos. O restante dos estudos não obteve nenhuma conclusão em comum relacionada a grupo.

Os artigos analisados permitiram apontar a situação das novas abordagens na saúde mental, como o grupo ouvidores de vozes, em um período de dez anos, o que contribui para verificar as condições dessa abordagem na população. Os estudos (no total de 20) realizados sobre o tema entre os anos de 2008 e 2018 mostram que o interesse pelo assunto e a necessidade de respostas aumentaram e que há necessidade de novas pesquisas e de intervenções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, foi possível alcançar os objetivos deste estudo, a partir da descrição do perfil bibliográfico da literatura sobre ouvidores de vozes, da caracterização dos conteúdos apresentados na literatura sobre abordagem de ouvidores de vozes e da reflexão sobre a abordagem no contexto da saúde mental, conhecendo e caracterizando a literatura sobre Grupo Ouvidores de Vozes como uma nova abordagem em saúde mental.

Os 20 artigos analisados nesta revisão apontam a importância da troca de experiência entre os indivíduos que escutam vozes para que novas estratégias de enfrentamento sejam criadas.

Estes afirmam que o grupo ouvidores de vozes é benéfico à saúde mental devido ao apoio que os ouvidores de vozes oferecem uns aos outros, traçando estratégias alternativas para aprenderem a compreender o significado das vozes, e assim buscando sua própria autonomia para sentirem-se aceitos novamente pela sociedade.

O grupo de ouvidores de vozes pode ser realizado em outros espaços pertencentes à comunidade. Isso pode contribuir para a diminuição da demanda dos serviços de saúde, como uma estratégia de prevenção e promoção em saúde mental, como tem acontecido nos países que possuem núcleos do Movimento de Ouvidores de Vozes (Corstens et al., 2014), e promover ainda mudanças acerca do estigma imposto pela sociedade relacionado a loucura. Além desses grupos, intervenções junto à família e no território – elementos essenciais para desmitificar e transformar representações sociais sobre a alucinação auditiva -, o emprego assistido e articulado com os serviços (dentre eles os CAPS), e o

treinamento de habilidades, são estratégias psicossociais altamente recomendadas, já que possuem um nível comprovado de eficácia (Green et al., 2014).

Há necessidade que existam mais estudos futuros relacionados à temática, pois ainda há lacunas em relação à origem das vozes, a maneira em que elas estão interligadas a um trauma ou a uma doença, e sobre o significado delas, se são positivas e ajudam o indivíduo ou se são negativa. Além disso, é necessário melhorar o entendimento da ligação entre alucinações auditivas e o estudo do caráter e da personalidade, bem como é preciso direcionar o estudo também para os fenômenos visuais e a quaisquer outros sentidos, e não somente para experiências auditivas.

Conhecer e caracterizar a literatura sobre o grupo ouvintes de vozes é importante para poder adquirir mais conhecimentos científicos em busca de estudos futuros trazendo novos conhecimentos à saúde mental, estratégias e tratamentos alternativos. Um dos tratamentos que apresentam um crescimento é a terapia ocupacional, que busca entender e acolher o indivíduo com essa experiência de vida seja ela considerada uma manifestação patológica ou não. Salientando ao ouvinte, aos familiares, aos amigos e aos profissionais, que é possível controlar essas vozes sem necessariamente a utilização de medicamentos, entendendo-as e tendo assim, uma melhor vivência com elas.

REFERÊNCIAS

ALMINHANA, L.O.; MENEZES, A. Jr. Experiências Religiosas/Espirituais: dissociação saudável ou patológica? **Revista Horizonte**. Belo Horizonte, v. 14, n. 41, p. 122-143, jan./mar. 2016. DOI: <<https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2016v14n41p122>>.

ANDRADE, M. F.; ANDRADE, R. C. G.; SANTOS, V. Prescrição de psicotrópicos: avaliação das informações contidas em receitas e notificações. **Rev. Bras. Cienc. Farm.** São Paulo, vol. 40, n. 4, 471-479, Out./Dez., 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbcf/v40n4/v40n4a04.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

BARROS, O. C; SERPA JR, O. D. Ouvir vozes: um estudo netnográfico de ambientes virtuais para ajuda mútua. **Physis Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 27 [4]: p. 867-888, 2017. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312017000400002>>.

_____. Redes e mídias sociais: o potencial multiplicador para a ajuda mútua de ouvidores de vozes. **Journal of Nursing and Health**. 2018; 8 (n.esp.): e188418
DOI: <<http://dx.doi.org/10.15210/jonah.v8i0.14120>>.

BAKER, P. **Abordagem de ouvir vozes: treinamento no Brasil**. São Paulo: CENAT, 2015.

BOTELHO, L. L. R. et al. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**. Editora-chefe: Janete Lara de Oliveira, Dra., Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, maio/ago. 2011. DOI: <<https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>>.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil**. Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, 2005. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf>. Acesso em: 14/07/2018.

CHADWICK, P. et al. Mindfulness groups for distressing voices and paranoia: a replication and randomized feasibility trial. **Behavioural and Cognitive Psychotherapy**. jul., 2009
DOI: <<https://doi.org/10.1017/S1352465809990166>>.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. São Paulo: Artmed. 2010. p. 11-238.

CORSTENSE, D. et al. Emerging Perspectives from the Hearing Voices Movement: implications for research and practice. **Schizophrenia Bulletin**, vol. 40 suppl. no. 4 pp. S285–S294, 2014 DOI: <https://academic.oup.com/schizophreniabulletin/article/40/Suppl_4/S285/1873862>.

DEMJÉN, Z.; SEMINO, E. Henry's voices: the representation of auditory verbal hallucinations in an autobiographical narrative. **Med Humanit**; 41(1): 57-62, 2015 jun. DOI:10.1136/medhum-2014-010617. Disponível em: <<https://mh.bmj.com/content/41/1/57>>

FERNANDES, H.C.D. Escutar vozes: da qualificação da experiência ao cuidado na clínica em saúde mental. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/24824>> Acesso em: 20/10/2018.

FERNANDES, H.; ZANELLO, V. O grupo de ouvidores de vozes: dispositivo de cuidado em saúde mental. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 23, 117-128, 2018. DOI: 10.4025/psicoestud.v23.39076.

GALVÃO, C.M.; SAWADA, N.O.; TREVISAN, M.A. Revisão sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da Enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem**. V.12, n.3, p. 549-56, mai/jun. 2004. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n3/v12n3a14.pdf>> Acesso em: 11/05/2018.

GRUPO ANIMA EDUCAÇÃO. Manual – Revisão bibliográfica sistemática integrativa: a pesquisa baseada em evidências. Belo Horizonte: Grupo Anima Educação. 2014. Disponível em: <http://disciplinas.nucleoad.com.br/pdf/anima_tcc/gerais/manuais/manual_revisao.pdf>. Acesso em: 03/06/2018

GREEN, C. A., ESTROFF, S. E., YARBOROUGH, B. J., SPOFFORD, M., SOLLOWAY, M. R., KITSON, R. S., & PERRIN, N. A. (2014). Directions for future patient-centered and comparative effectiveness research for people with serious mental illness in a learning mental health care system. **Schizophr Bull**, 40(S1), S1-S94.

INTEVOICE BRASIL. Manual como montar um grupo de ouvidores de vozes. 2017. Disponível em:

<<https://mail.google.com/mail/u/0/#search/nazareth/162367d10f6526b7?projector=1&messagePartId=0.1>>. Acesso em: 05/06/2018.

KANTORSKI, L. P., ANDRADE A. P. M., CARDANO, M. Estratégias, expertise e experiências de ouvir vozes: entrevista com Cristina Contini. **Revista Interface**. Comunicação, Saúde, Educação. São Paulo, 2017. 21(63): p.1039-1048. DOI: 10.1590/1807-57622017.0031.

_____. et al. Situações de vida relacionadas ao aparecimento das vozes: com a palavra os ouvidores de vozes. **Journal of Nursing and Health**. 2018;8(n.esp.):e188416. DOI: <<http://dx.doi.org/10.15210/jonah.v8i0.14096>>.

LAWERENCE, C. et al. Hearing voices in a non-psychiatric population. **Behav Cogn Psychother**; 38(3): 363-73, 2010 May. DOI: <<https://doi.org/10.1017/S1352465810000172>>.

LUHRMANN, T M; PADMAVATI, R; THAROOR, H; OSEI, A. Differences in voice-hearing experiences of people with psychosis in the U.S.A., India and Ghana: interview-based study. **The British Journal of Psychiatry**. 206(1): 41-4, jan., 2015 DOI: <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.113.139048>.

MUÑOZ, N. M. et al. Pesquisa clínica em saúde mental: o ponto de vista dos usuários sobre a experiência de ouvir vozes. **Estud. psicol.** (Natal); 16(1): 83-89, jan.-abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n1/a11v16n1.pdf>>. Acesso em: 14/07/2018.

OLIVEIRA, M. M., PEREIRA, G.B., RAMOS, C.I., BORGES, C.L.S., SANTOS, D.E.R. Ouvidores de vozes no Brasil: as sementes do movimento. **Journal of Nursing and Health**. 2018;8(n.esp.):e188424. DOI: <<http://dx.doi.org/10.15210/jonah.v8i0.13974>>.

PRADO, K. et al. Ouvidores de vozes: características e relações com as vozes. **Journal of Nursing and Health**. 2018;8(n.esp.): e188430. DOI: <<http://dx.doi.org/10.15210/jonah.v8i0.14119>>.

ROMME, M., ESCHER, S. **Na companhia das vozes**: para uma análise da experiência de ouvir vozes. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

SANNE, K. et al. Theta burst transcranial magnetic stimulation for auditory verbal hallucinations: negative findings from a double-blind-randomized trial. **Schizophrenia Bulletin**. vol. 42, n. 1, pp. 250–257, 2016. DOI: <<https://doi.org/10.1093/schbul/sbv100>>.

SCHNEIDER, K. (1976). **Psicopatologia clinica**. São Paulo: Mestre Jou.

VALENTE, P., BAKER, P. I Fórum Internacional – Novas Abordagens em saúde mental em Cuiabá. Disponível em: <<http://www.cenatcursos.com.br>>. Acesso em: 06/05/2018.

VILHAUER, R. Stigma and need for care in individuals who hear voices. **International Journal of Social Psychiatry** ; 63(1): 5-13, 2017 Feb. DOI: <https://doi.org/10.1177/0020764016675888>.

WATERS, F.; JARDRI, R. Auditory Hallucinations: debunking the myth of language supremacy. **Schizophrenia Bulletin** vol. 41 no. 3 pp. 533–534, 2015 DOI: <<https://doi.org/10.1093/schbul/sbu166>>.

WOODS, A. et al. Experiences of hearing voices: analysis of a novel phenomenological survey. **Lancet Psychiatry** 2015; 2: 323–31. 11 mar. 2015. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.1016/S2215-0366\(15\)00006-1](http://dx.doi.org/10.1016/S2215-0366(15)00006-1)>.

_____. The voice-hearer. **Journal of Mental Health**; 22(3): 263-70, 2013 Jun. DOI: <<https://doi.org/10.3109/09638237.2013.799267>>.